

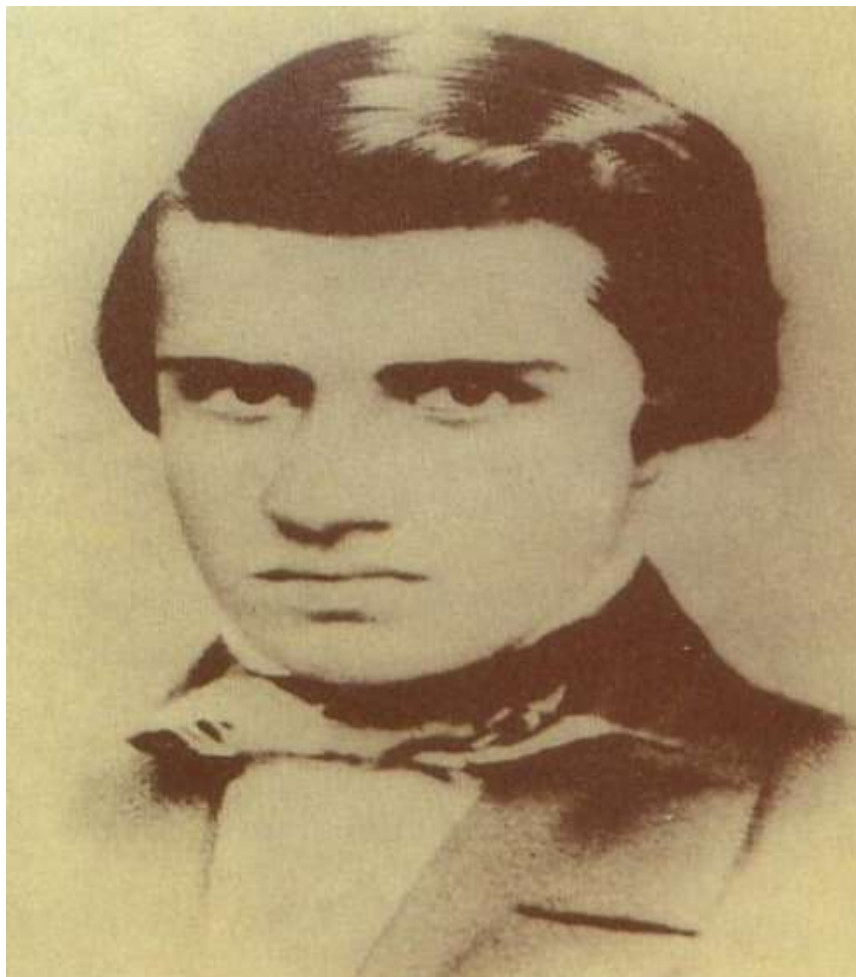
POESIA ROMANTISMO

Gerações Românticas

**2ª geração – Mal do século /
Byroniana / Ultrarromântica**

3ª geração – Condoreira / Social

ÁLVARES DE AZEVEDO



- Foi um poeta, escritor e contista, da segunda geração romântica brasileira. Suas poesias retratam o seu mundo interior. É conhecido como "o poeta da dúvida".
- Seus poemas falam constantemente do tédio da vida, das frustrações amorosas e do sentimento de morte. A figura da mulher aparece em seus versos, ora como um anjo, ora como um ser fatal, mas sempre inacessível.

- **SE EU MORRESSE AMANHÃ**

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que amanhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

- Que sol! que céu azul! que doce
n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
- Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã

SONETO

-
- Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!
Era a virgem do mar! Na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!
Era mais bela! O seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...
Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

- Poetas! amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora!...
Façam dela uma corda e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!

- Cantem esse verão que me
alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravam,
E os sapos que cantavam no
caminho!

- Coração, por que tremes? Se esta lira
Nas minhas mãos sem força desafina,
Enquanto ao cemitério não te levam,
Casa no marimbau a alma divina!

- Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.



Casimiro José Marques de Abreu

Nasceu em Barra do São João em 1839
Faleceu em 1860

Estudou Humanidades

1853 Viajou a Portugal onde entrou em
contato com os intelectuais;

1856 escreveu Camões e o Jaú

1857 volta ao Brasil e trabahou com o pai

- Escreveu para alguns jornais e fez amizade com Machado de Assis.
- Em 1859 editou as suas poesias reunidas sob o título de Primaveras.
- Faleceu de Tuberculose
- Foi sepultado conforme seu desejo em Barra de São João, estando sua lápide no cemitério da secular Capela de São João Batista, junto ao túmulo de seu pai.

- Sua poesia é das mais populares e mais lidas pelo povo brasileiro.
- O mais ingênuo poeta.
- Linguagem simples, terna, cativante e de leitura fácil.
- O amor expresso em seus poemas é sempre impossível, delicado, platônico e idealizado, entrando em atrito com a pureza, a paixão contida e o receio de corresponder e se entregar à mulher amada.

- Obra: conflito entre o desejo e o medo, a realidade perturbadora e a pureza da infância, da natureza e dos sonhos, gerando a tristeza, a melancolia e o depressivo desejo de morte.
- A saudade acentua desde as dores da distância da pátria e da família, até a distância da infância.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

As primaveras articula-se em torno de três temas básicos:

- o lirismo amoroso
- a saudade da pátria e da infância
- a tristeza da vida

Minha alma é triste

*Minha alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.
E, como rola que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as ilusões perdidas
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.*



JUNQUEIRA FREIRE

- Luís José Junqueira Freire (1832-1855) nasceu em Salvador, Bahia, no dia 31 de dezembro de 1832.
- Coursou o Liceu Provincial de Salvador. Com 19 anos, resolveu se refugiar na vida religiosa entrando para o Mosteiro de São Bento.

- Seus poemas mergulham fundo em seu mundo interior e falam constantemente da morte, da angústia, da solidão, da melancolia da vida e dos desenganos amorosos
- Em 1853, Junqueira Freire pediu para afastar-se da ordem mesmo permanecendo sacerdote, por força dos votos perpétuos.
- Em 1854, após receber a autorização, retornou para casa.

- 1855, escreveu “Inspirações do Claustro”, um testemunho das experiências pessoais vividas no convento, cheias de dúvidas e de ilusões.
- Constituído de grande pessimismo, seus versos condenam as disciplinas religiosas e os votos de obediência, ao mesmo tempo, se tornam um símbolo de liberdade. O poeta revela a grande contradição entre o amor e a morte.

- “Contradições Poéticas” reflete suas vãs tentativas na busca da solução para seu desequilíbrio emocional.
- O monge e a morte são seus temas principais, reproduzidos com grande lirismo.
- Faleceu em Salvador, Bahia, no dia 24 de junho de 1855.

- Inspirações donc
- iins

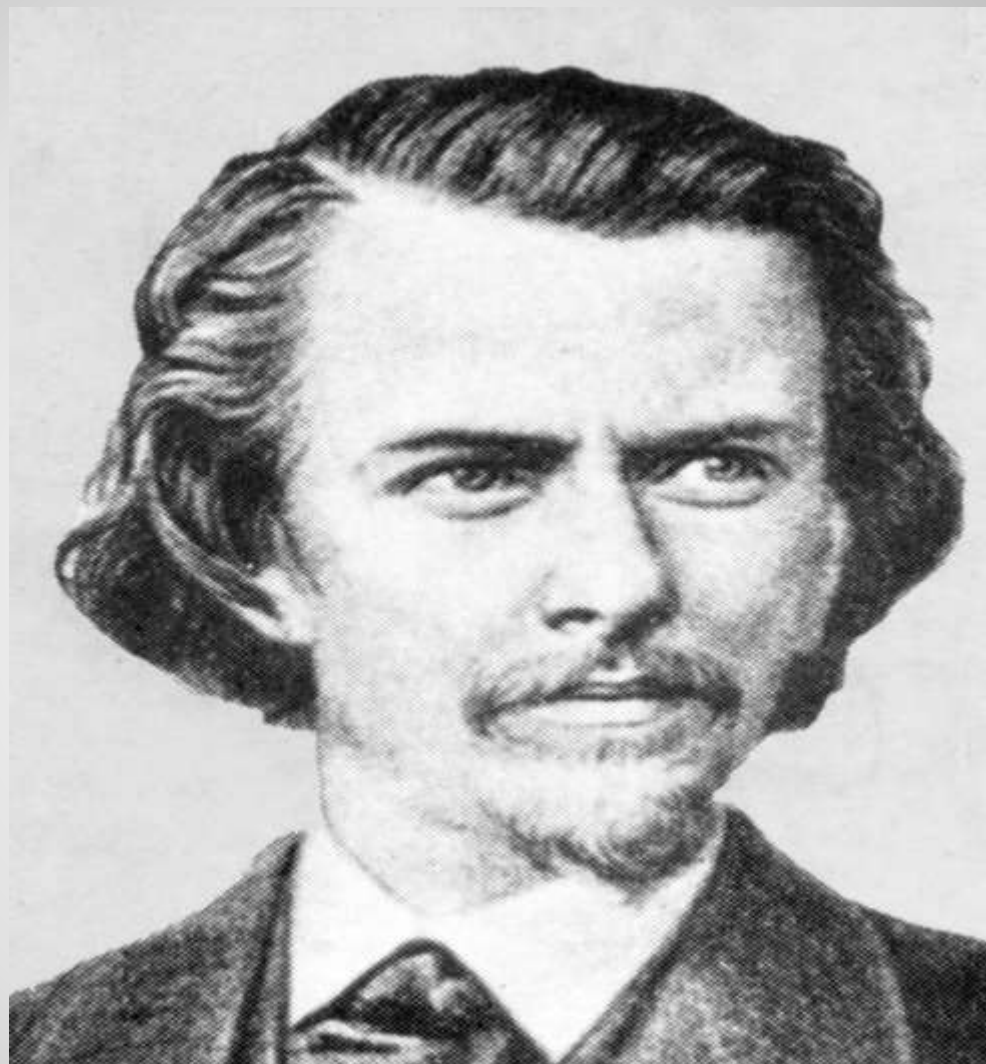
Aqui – já era noite... eu reclinei-me
Nas moles formas do virgíneo seio:
Aqui – sobre ela eu meditei amores
Em doce devaneio.

Aqui – inda era noite... eu tive uns sonhos
De monstruosa, de infernal luxúria:
Aqui – prostrei-me a lhe beijar os rastros
Em amorosa fúria.

Morte

*Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dous fantasmas que a exigência formam,
— Dessa alma vã e desse corpo enfermo.
Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada." (...)*

FAGUNDES VARELA



- Nasceu em 1841 em Rio Claro, na então província do Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto.
- Filho do Magistrado Emiliano Fagundes Varela e Emília de Andrade.
- Em 1860 iniciou sua vida em São Paulo, onde ingressou na Faculdade de Direito no Largo São Francisco.
- Em 1861 publica o livro de poesias "Noturnas".

- Apaixona-se por Alice Guilhermina Luande, filha do proprietário de um circo.
- Casa no dia 28 de maio de 1862.
- É deserdado pelo pai.
- Em 1863 nasce seu filho Emiliano, que morre com apenas três meses de vida.
- A morte do filho lhe inspira seu mais famoso poema "Cântico do Calvário".

- Em 1865 falece a esposa.
- Volta para São Paulo.
- Em 1866 retorna para a Faculdade definitivamente e volta para a sua casa paterna.
- Em 1869 casa-se com a prima Maria Belisária Lambert. Da união nasceram duas filhas, Lélia e Rute.
- Seu terceiro filho também chamado Emiliano, não sobrevive.
- Leva uma vida boemia, é visto muitas vezes embriagado.

- Falece na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, no dia 18 de fevereiro de 1875.

- À MEMÓRIA DE MEU FILHO
Morto a 11 de dezembro de 1863

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,
O povir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, — caíste! — Crença, já não vives!

Estrelas
Singelas
Luzeiros
Fagueiros,
Esplêndidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, - florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!
Abismos
Profundos!
Cavernas
Externas!
Extensos,
Imensos
Espaços Azuis!
Altares e tronos,
Humildes e sábios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da glória o caminho,
Só ela nos fala das leis de - Jesus!

TERCEIRA GERAÇÃO CONDOREIRA HUGOANA SOCIAL

• CARACTERÍSTICAS

- Erotismo
- Mulher e amor não idealizados
- Liberdade
- Abolicionismo
- Realidade social
- Negação do amor platônico

CASTRO ALVES



O POETA DOS ESCRAVOS

- **Antônio Frederico de Castro Alves**
- Curralinho 14 de março de 1847
- Salvador - 6 de julho de 1871
- Nasceu na fazenda

Cabaceiras território pertencente à vila de Nossa Senhora da Conceição do "Curralinho", hoje cidade de Castro Alves , no estado da Bahia.

- Aos 17 anos escreve as primeiras poesias.
- 1863 - O pai envia Castro Alves e seu irmão Antonio para o Recife estudar na Faculdade de Direito.
- Não é aprovado no Exame de Admissão da Faculdade.
- Em 1863 conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara.
- A tuberculose se manifesta.

- Em 1864 seu irmão José Antônio, que sofria de distúrbios mentais desde a morte de sua mãe, suicidou-se em Curralinho.†
- Castro Alves foi aprovado nos exames da Faculdade de Direito.
- 1868 – Feriu-se durante uma caçada.
- 1871 - Faleceu

- OBRAS

- A Canção do Africano;
- A Cachoeira de Paulo Afonso;
 - Adormecida;
 - Amar e Ser Amado;
- Amemos! Dama Negra;
 - As Duas Flores;
- Espumas Flutuantes;
 - Hinos do Equador;
 - Minhas Saudades;
 - O Adeus de Teresa;
 - O Coração;
 - O Laço da Fita;
 - O Navio Negreiro;
- Os Anjos da Meia Noite;
 - Vozes da África.

• Duas Flores

São duas flores unidas
São duas rosas nascidas
Talvez do mesmo arrebol,
Vivendo, no mesmo galho,
Da mesma gota de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as penas
das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

- Unidas, bem como os prantos,
Que em parelha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrelas do mar.

Unidas... Ai quem pudera
Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

Morena Flor

Ela tem uma graça de pantera
No andar bem-comportado de menina.
No molejo em que vem sempre se espera
Que de repente ela lhe salte em cima

A mim me enerva o ardor com que ela
vibra

E que a motiva desde de manhã.
- Como é que pode, digo-me com
espanto...

Adormecida

Uma noite eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.
'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte
Via-se a noite plácida e divina.
De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras
Iam na face trêmulos — beijá-la.

VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
— Infinito: galé!...

Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

NAVIO NEGREIRO

**Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.**

**'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de
ouro...**

**O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...**

**'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?.**



Sousândrade

Joaquim de Sousa Andrade

- Guimarães, 9 de julho de 1832
- São Luis , 21 de abril de 1902
- Formou-se em Letras pela Sorbonne, onde fez também o curso de engenharia de minas.
- Republicano convicto e militante, transfere-se, em 1870, para os Estados Unidos.

- O Guesa Errante

- Denuncia o drama dos povos indígenas à exploração dos povos europeus.
- Utiliza recursos expressivos como a criação de neologismos e de metáforas vertiginosas.

*"Nos áureos tempos, nos jardins da América
Infante adoração dobrando a crença
Ante o belo sinal, nuvem ibérica
Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.*

*"Cândidos Incas! Quando já campeiam
Os heróis vencedores do inocente
Índio nu; quando os templos s'incendeiam,
Já sem virgens, sem ouro reluzente,*

*"Sem as sombras dos reis filhos de Manco,
Viu-se... (que tinham feito? e pouco havia
A fazer-se...) num leito puro e branco
A corrupção, que os braços estendia!*

*"E da existência meiga, afortunada,
O róseo fio nesse albor ameno
Foi destruído. Como ensanguentada
A terra fez sorrir ao céu sereno!*